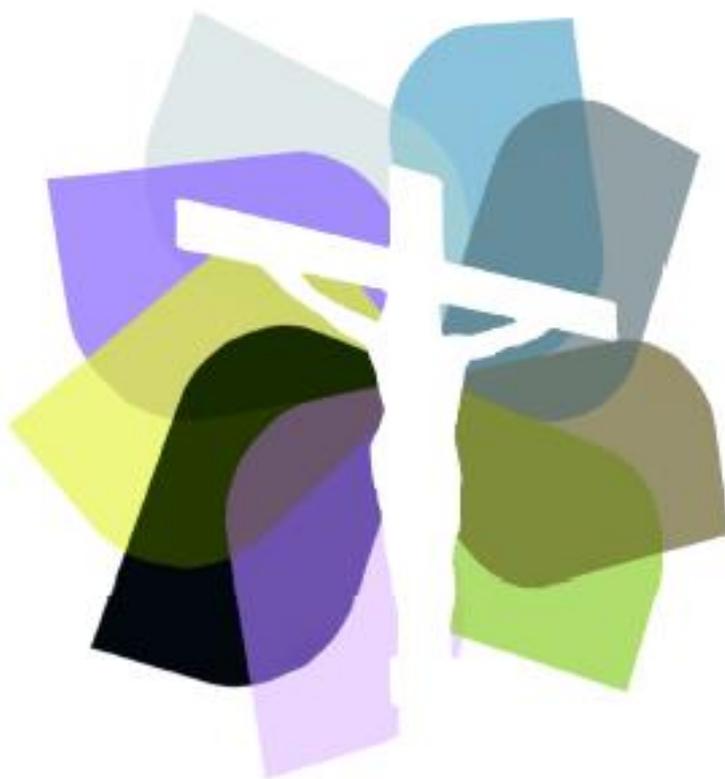


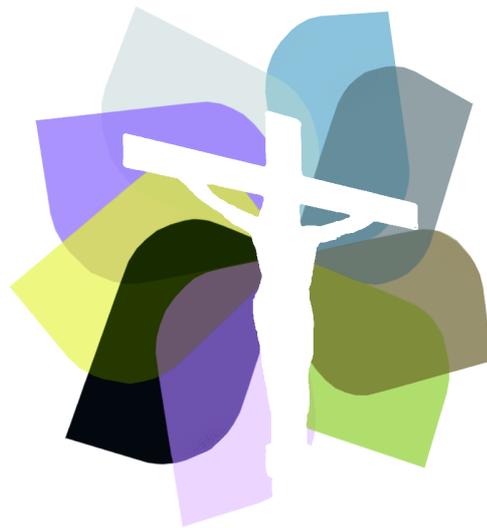
**ORIENTAÇÕES DIOCESANAS DE PASTORAL
PARA O 2º ANO DA CAMINHADA SINODAL**



A beleza de caminharmos juntos em Cristo

AÇORES, 2020 - 2021

Orientações Diocesanas de Pastoral para o 2º ano da Caminhada Sinodal



**Programa e Calendário Diocesano
Açores, 2020-2021**

Sumário	3
Aprovação do Programa Pastoral Diocesano 2020/2021	5
Caminhada Sinodal – 2º ano	7
Para uma Igreja renovada que responda aos sinais dos tempos.....	23
Uma Igreja Evangelizadora	25
Uma Igreja em permanente diálogo com o mundo.....	31
Uma Igreja comunitária e participativa	35
Assembleia Diocesana	41
Mensagem ao Povo de Deus na sequência da Assembleia	44
Calendário Diocesano 2020/21	47
Oração pela Caminhada Sinodal.....	57
Calendário geral.....	59

Aprovação do Programa Pastoral 2020 – 2021

«A Beleza de Caminharmos Juntos em Cristo»

Dado o contexto de pandemia que vivemos e que afectou a realização de muitas actividades pastorais e obrigou a retardar o começo deste novo ano pastoral, apesar de muitas actividades já estarem em curso, a ele daremos início oficialmente em toda a diocese no primeiro domingo do Advento.

Continuamos a caminhada sinodal sob o lema «a beleza de caminharmos juntos em Cristo». Como o próprio nome quer significar, «caminhada sinodal» é fazer caminho em conjunto, isto é, convocar todos os baptizados para a sua participação activa na comunidade cristã e para o seu necessário testemunho cristão na evangelização do mundo de hoje.

Neste sentido, o núcleo central das actividades pastorais está orientado pela reflexão e actuação de todos os baptizados no contexto da caminhada de renovação das nossas comunidades cristãs e da comunidade diocesana.

Após a auscultação dos Sinais dos Tempos, que continuará presente na vida pastoral, exige-se neste ano a reflexão acerca do perfil evangelizador das comunidades cristãs. Evangelização que se quer em diálogo com o mundo de hoje e a partir de uma comunidade cristã que promove os diversos dons, carismas e serviços ou ministérios.

Devemos também implicar-nos nas diversas actividades que vão decorrer ao longo do ano pastoral e que se destinam a todos os membros do Povo de Deus, sacerdotes, diáconos, religiosos(as) e leigos, movimentos e obras de apostolado. Para isso, inclui-se o calendário diocesano.

Porque é um bem para o crescimento do Povo de Deus na

comunhão, na participação e na corresponsabilidade eclesiais,
aprovamos este programa diocesano de 2020/2021.

Angra do Heroísmo, 1 de novembro de 2020

+ *João Lavrador, Bispo de Angra
e Ilhas dos Açores*

Caminhada Sinodal – 2º ano

«A beleza de caminharmos juntos em Cristo»

«As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração» (GS. 1).

O Concílio Ecuménico Vaticano II, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, começa por reconhecer que a Igreja está intimamente unida à realidade concreta do mundo no qual vive.

Após a auscultação dos Sinais dos Tempos que, a partir da cultura, da sociedade e da Igreja actuais, desafiam a comunidade cristã e cada cristão no contexto da Região Autónoma dos Açores, sente-se o mesmo impulso que norteou os Padres Conciliares na resposta aos desafios que eram lançados pelo mundo e a exigir o testemunho fiel e autêntico do Evangelho.

Tal como afirma o Concílio, também nós temos o propósito de expor «o modo de conceber a presença e actividade da Igreja no mundo de hoje» (GS. 2).

Também a Igreja Diocesana de Angra «tem diante dos olhos o mundo dos homens, ou seja a inteira família humana, com todas as realidades no meio das quais vive; esse mundo que é teatro da história da humanidade, marcado pelo seu engenho, pelas suas derrotas e vitórias; mundo, que os cristãos acreditam ser criado e conservado pelo amor do Criador; caído, sem dúvida, sob a escravidão do pecado, mas libertado pela cruz e ressurreição de Cristo, vencedor do poder do maligno; mundo, finalmente, destinado, segundo o desígnio de Deus, a ser transformado e alcançar a própria realização» (GS. 2).

É com este olhar e com este objectivo que convocamos

todos os baptizados, discípulos de Jesus Cristo, a viverem o Evangelho e a testemunhá-lo ao mundo de modo a oferecerem o projecto de Deus para a renovação integral de todas as pessoas.

Fazemos nossas as palavras e os sentimentos do Concílio quando afirma que ele «testemunhando e expondo a fé do Povo de Deus por Cristo congregado, não pode manifestar mais eloquentemente a sua solidariedade, respeito e amor para com a inteira família humana, na qual está inserido, do que estabelecendo com ela diálogo sobre esses vários problemas, aportando a luz do Evangelho e pondo à disposição do género humano as energias salvadoras que a Igreja, conduzida pelo Espírito Santo, recebe do seu Fundador» (GS. 3).

Aliás, segundo refere, «trata-se, com efeito, de salvar a pessoa do homem e de restaurar a sociedade humana» (GS. 3).

Na verdade é o homem na sua unidade e integridade, corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade que está presente nas preocupações da Igreja.

O Concílio Ecuménico Vaticano II tem como único propósito preparar a Igreja, implicando todos os seus membros, Povo de Deus, para a sua exclusiva tarefa de Evangelizar.

Na sequência da doutrina conciliar, única inspiração para a missão das nossas comunidades cristãs, somos chamados a sintonizar com este único objectivo que é Evangelizar no contexto concreto do mundo de hoje.

1. Igreja Evangelizadora

Este é o primeiro imperativo e tão abrangente que dá sentido a todos os desafios que são lançados para definirmos os traços de uma Igreja renovada e a responder evangelicamente ao mundo actual.

Como S. Paulo VI afirma na Exortação pos-sinodal «Evan-

geli Nuntiandi, «aqueles que acolhem com sinceridade a Boa Nova, por virtude desse acolhimento e da fé compartilhada, reúnem-se portanto em nome de Jesus para conjuntamente buscarem o reino, para o edificar e para o viver» (EN. 13).

De facto, «eles constituem uma comunidade também ela evangelizadora» (EN. 13). Aliás, «a ordem dada aos doze, "Ide, pregai a Boa Nova", continua a ser válida, se bem que de maneira diferente, também para todos os cristãos» (EN. 13).

A Igreja assume a evangelização na alegria do encontro com Jesus Cristo Vivo, como tarefa e missão e reconhece que «evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade» (EN. 14).

Na realidade, «evangelizadora como é, a Igreja começa por se evangelizar a si mesma» (EN. 15). Na verdade, «comunidade de crentes, comunidade de esperança vivida e comunicada, comunidade de amor fraterno, ela tem necessidade de ouvir sem cessar aquilo que ela deve acreditar, as razões da sua esperança e o mandamento novo do amor» (EN. 15).

Perante o cansaço e o desalento que atinge tantos agentes pastorais, é fulcral escutar as palavras que afirmam que «ela tem sempre necessidade de ser evangelizada, se quiser conservar frescor, alento e força para anunciar o Evangelho» (EN. 15).

Eis a exigência que é colocada às comunidades cristãs no contexto actual, cuja renovação interpela a que a Igreja se evangelize por uma conversão e uma renovação constantes, a fim de evangelizar o mundo com credibilidade (cfr. EN 15).

Colocarmo-nos perante a exigência de uma autêntica tarefa evangelizadora da Igreja, exige que reconheçamos o facto de que evangelizar «para a Igreja não se trata tanto de pregar o Evangelho a espaços geográficos cada vez mais vastos ou populações maiores em dimensões de massa, mas de chegar a atingir e como que a modificar pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse,

as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação» (EN. 19).

É verdadeiramente uma tarefa exigente e minuciosa que terá em conta a pessoa toda e a humanidade no seu todo, isto é, em todos os aspectos da sua actuação.

2. Discernir e responder aos Sinais dos Tempos

No ano passado, o primeiro da caminhada sinodal, a diocese, em todas as suas comunidades cristãs, movimentos, grupos, serviços diocesanos e instituições, foi chamada a ver, discernir e deixar-se interpelar pelos Sinais dos Tempos que passam pela análise evangélica do mundo actual, no domínio da cultura, da sociedade e da Igreja.

Foi um bom trabalho de reflexão que abriu, como era previsível, para o delinear de um conjunto de traços de renovação pastoral da Igreja diocesana. Assim, foram concentrados em cinco grandes áreas do ser e do agir da Igreja. O primeiro e mais abrangente diz respeito à evangelização como a mais profunda e singular identidade da Igreja; a segunda apela para a comunidade cristã interpelada por Jesus Cristo a ser missionária em todos os seus membros; a terceira sublinha a missão da Igreja que se realiza em diálogo com o mundo de hoje; a quarta realça o mistério de comunhão, da Igreja Povo de Deus, diversificado nos ministérios e serviços; e por último, a quinta que desafia a Igreja, em todas as suas comunidades, movimentos e grupos a escutar os excluídos, a servir os mais pobres e a promover a dignidade da pessoa humana e a edificação de uma sociedade mais justa.

3. Comunidade cristã interpelada para uma nova evangelização

No contexto próprio da Igreja, evangelizar, não podemos

perder de vista a exigência que o mundo novo nos coloca e que desafia a comunidade cristã, em todos os seus membros a evangelizar como se fosse pela primeira vez.

S. João Paulo II que pela primeira vez lançou este grito, sacudiu a Igreja adormecida, para que discernisse os sinais que a cultura actual se decidisse pela nova Evangelização.

Somos sensíveis à indiferença reinante perante a fé cristã, o relativismo moral, o subjectivismo que penetra também no domínio da religião, o abandono da prática cristã e o ridicularizar da instituição, mas igualmente deparamo-nos com o ressurgimento de novas espiritualidades de cariz individualista e com a subjectivação das normas da fé.

Perante a Europa que vai esquecendo progressivamente as suas raízes cristãs, o Papa S. João Paulo II, alerta a consciência evangelizadora dos cristãos com palavras duras quando afirma querer «recordar a crise da memória e herança cristãs, acompanhada por uma espécie de agnosticismo prático e indiferentismo religioso, fazendo com que muitos europeus dêem a impressão de viver sem substrato espiritual e como herdeiros que delapidaram o património que lhes foi entregue pela história» (EE, 7).

E, acrescenta-se que «estamos perante o aparecimento duma nova cultura, influenciada em larga escala pelos mass-media, com características e conteúdos frequentemente contrários ao Evangelho e à dignidade da pessoa humana» (EE, 9). Aliás, «também faz parte de tal cultura um agnosticismo religioso cada vez mais generalizado, conexo com um relativismo moral e jurídico mais profundo que tem as suas raízes na crise da verdade do homem como fundamento dos direitos inalienáveis de cada um» (EE, 9).

De facto, «os sinais da diminuição da esperança manifestam-se às vezes através de formas preocupantes daquilo que se pode chamar uma “cultura de morte» (EE, 9).

Enfim, «a cultura europeia dá a impressão de uma “aposta-

sia silenciosa“ por parte do homem saciado, que vive como se Deus não existisse» (EE, 9).

Perante este cenário exclama o Santo Padre S. João Paulo II: «Igreja na Europa, a “nova evangelização” é a tarefa que te espera!» (EE, 45).

Assim descritos parece que estes sinais pertencem a algo de distante, mas não é verdade, eles estão a desafiar-nos no hoje e no agora da nossa missão de cristãos.

O Papa S. João Paulo II advertiu para a nova evangelização caracterizada por um novo ardor, novas linguagens e novos métodos. Já o Papa Francisco alerta para a mesma realidade dizendo que «o bem tende sempre a comunicar-se» (EG, 9).

Sinteticamente, convocados para uma nova evangelização devemos atender: aos Sinais dos Tempos e discerni-los à luz do Evangelho; estabelecer um diálogo com o mundo de hoje no qual devemos actuar como fermento evangélico; pugnar pela fidelidade ao Evangelho de Jesus Cristo como verdadeiro manancial de vida que atrai; comunicar pelo testemunho convincente, autêntico e vivencial.

4. Deus ama este mundo que lhe envia o Seu Filho (cfr. Jo. 3, 16)

Falar do mundo, da sociedade e da cultura é referir-se a pessoas concretas amadas por Deus às quais Ele quer oferecer o Seu amor.

Durante muitos séculos, o mundo foi uma realidade estranha para a Igreja e, sobretudo com a modernidade, a separação entre as realidades temporais e a fé cristã tornou-se uma progressiva forma de vivência social.

Apesar de o Concílio Ecuménico Vaticano II ter proposto a evangelização do mundo em diálogo entre a Igreja e a sociedade, continua um fosso entre a vivência da fé, muito no âmbito privado, e a vida social, económica, cultural e política

sem relação com a força do Evangelho de que a Igreja é portadora.

Como se diz na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, «a Igreja, por sua parte, acredita que Jesus Cristo, morto e ressuscitado por todos, oferece aos homens pelo seu Espírito a luz e a força para poderem corresponder à sua altíssima vocação; nem foi dado aos homens sob o céu outro nome, no qual devam ser salvos» (GS. 10). Aliás, «acredita também que a chave, o centro e o fim de toda a história humana se encontram no seu Senhor e mestre» (GS. 10).

A mesma Igreja «afirma, além disso, que, subjacentes a todas as transformações, há muitas coisas que não mudam, cujo último fundamento é Cristo, o mesmo ontem, hoje, e para sempre» (GS. 10). Deste modo, «quer, portanto, o Concílio, à luz de Cristo, imagem de Deus invisível e primogénito de toda a criação, dirigir-se a todos, para iluminar o mistério do homem e cooperar na solução das principais questões do nosso tempo» (GS. 10).

Concretamente, «nenhuma ambição terrena move a Igreja, mas unicamente este objectivo: continuar, sob a direcção do Espírito Consolador, a obra de Cristo que veio ao mundo para dar testemunho da verdade, para salvar e não para julgar, para servir e não para ser servido» (GS.3).

Realmente, «para servir o Evangelho da esperança, é pedido também à Igreja na Europa que percorra a estrada do amor» (EE. 83). Na verdade, «trata-se duma estrada que passa através da caridade evangelizadora, do empenho multiforme no serviço, da opção por uma generosidade sem tréguas nem confins» (EE. 83).

Neste diálogo a estabelecer com o mundo de hoje, a comunidade cristã está consciente que «à Igreja na Europa actual põe-se o desafio de ajudar o homem contemporâneo a experimentar o amor de Deus Pai e de Cristo no Espírito Santo, através do testemunho da caridade, a qual por si

mesma possui uma intrínseca força evangelizadora» (EE. 84).

Pertence à missão da Igreja olhar «para a Europa e o seu caminho com a simpatia de quem aprecia todo o elemento positivo, mas conjuntamente sem fechar os olhos sobre o que há de incoerente com o Evangelho, denunciando-o com vigor» (EE.104).

Eis a dimensão profética da Igreja que toma relevo quando se coloca ao serviço da pessoa e da sociedade.

5. A comunidade cristã, escola de comunhão, participação e de corresponsabilidade

Hoje, há uma tomada de consciência que a evangelização e a missão da Igreja são realizadas por todo o Povo de Deus que é chamado a viver na comunhão e a comprometer-se na corresponsabilidade de todos os batizados.

S. João Paulo II, focado na evangelização no contexto europeu, afirma que «servir o Evangelho da esperança com uma caridade que evangeliza é obrigação e responsabilidade de todos» (EE. 33). E, acrescenta-se que «de facto, seja qual for o carisma e o ministério de cada um, a caridade é a estrada mestra apontada a todos e que todos podem percorrer: é a estrada que toda a comunidade eclesial é chamada a percorrer seguindo as pegadas do seu Mestre» (EE. 33).

Daí o convite ao empenho dos ministros ordenados; ao testemunho dos consagrados; ao cuidado por todas as vocações; à valorização da missão dos leigos; à promoção do papel da mulher na sociedade e na Igreja.

São muito actuais as palavras do papa S. João Paulo II quando refere que «inseridos no mundo mas não sendo do mundo (cf. Jo 17, 15-16), os sacerdotes são chamados, na actual situação cultural e espiritual do continente europeu, a ser sinal de contradição e de esperança para uma sociedade que

sofre de horizontalismo e necessita de abrir-se ao Transcendente» (EE,34).

No contexto do ministério ordenado e para que a comunidade cristã viva a comunhão evangelizadora e com dinamismo missionário, exige-se a promoção do diaconado, segundo o querer da Igreja. De facto, tal como refere o Papa S. João Paulo II, com os presbíteros, desejamos sublinhar a importância do ministério dos diáconos, que, embora em grau diverso, participam do mesmo sacramento da Ordem.

Realmente, «colocados ao serviço da comunhão eclesial, exercem, sob a guia do Bispo e com o seu presbitério, a “diáconia “da liturgia, da palavra e da caridade» (EE.36). E, assim, «desta forma que lhes é própria, também eles estão ao serviço do Evangelho da esperança» (EE. 36).

Já no que se refere aos consagrados, religiosos e religiosas, leigos consagrados, reconhecendo como é eloquente o seu testemunho de vivência radical do Evangelho, na verdade «a busca de novas formas de espiritualidade, que hoje surge na sociedade, deve encontrar uma resposta no reconhecimento do primado absoluto de Deus, vivido pelos consagrados através da sua doação total e da conversão permanente dum existência oferecida como verdadeiro culto espiritual» (EE. 38).

Mais ainda, «num meio contaminado pelo secularismo e dominado pelo consumismo, a vida consagrada, dom do Espírito Santo à Igreja e pela Igreja, torna-se sinal de esperança na medida em que testemunha a dimensão transcendente da existência» (EE. 38).

Por último, «a presença de novas formas de pobreza e marginalização deve suscitar a criatividade no cuidado pelos mais necessitados, que caracterizou muitos fundadores de institutos religiosos» (EE. 38).

Os consagrados são um verdadeiro estímulo para a missão da Igreja no contexto do mundo de hoje como o foram em

épocas passadas.

Eis, portanto o cuidado em edificar uma verdadeira cultura vocacional.

No contexto da evangelização, propôr Jesus Cristo Vivo a toda a pessoa é despertar para o diálogo que Jesus de Nazaré continua hoje a estabelecer com cada um. Daí que na família, na catequese, na comunidade cristã e em todos os ambientes educativos o objectivo da evangelização seja o despertar para a vocação própria de cada pessoa, sobretudo criança e jovem.

A par com o testemunho dos sacerdotes e consagrados, felizes e alegres na sua missão, exige-se «reavivar, sobretudo nos jovens, uma profunda nostalgia de Deus, criando assim o contexto adequado para o desabrochar de generosas respostas vocacionais» (EE. 38); e, ainda, «é urgente que um grande movimento de oração atravessasse as Comunidades eclesiais do continente europeu, porque “as novas condições históricas e culturais exigem que a pastoral das vocações seja vista como um dos objectivos primários de toda a comunidade cristã”» (EE. 38).

Se, a partir do Concílio Vaticano II, muito se tem dito acerca do papel dos leigos na missão evangelizadora da Igreja, concretamente, ainda estão longe de atingir uma participação adequada destes no que lhes compete no contexto da vida e missão das comunidades cristãs.

Porque a sua peculiar missão está na sua relação com as actividades temporais, na sua formação cristã deve ter-se em conta esta sua especificidade. Por isso, «são precisos itinerários pedagógicos que tornem os fiéis-leigos idóneos a aplicarem a fé nas realidades temporais» (EE. 41).

No âmbito da missão dos leigos, deve-se sublinhar e valorizar o papel da mulher na sociedade e na Igreja.

Tal como afirma o Papa S. João Paulo II, «a Igreja está ciente do contributo específico da mulher para o serviço do Evangelho da esperança» (EE. 42). Aliás, «a história da co-

munidade cristã atesta que as mulheres sempre tiveram um lugar de relevo no testemunho do Evangelho» (EE. 42).

No contexto da nossa diocese, atendendo à cultura actual que «deixa na sombra a dimensão afectiva e a função dos sentimentos, na carência de generosidade, no frequente receio de dar a vida a novas criaturas, na dificuldade de viver uma relação de reciprocidade com o outro e de acolher quem é diverso» (EE. 42), então somos levados a afirmar o mesmo que S. João Paulo II quando refere que é neste contexto que a Igreja «espera das mulheres o contributo vivificante duma nova onda de esperança» (EE.42).

Mas para que tal se concretize torna-se necessário que «a começar pela Igreja, que seja promovida a dignidade da mulher, porque são idênticas a dignidade da mulher e a do homem, criados ambos à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1, 27) e enriquecidos cada um de dons próprios e particulares» (EE. 43).

A Igreja consciente dos abusos de que são vítimas as mulheres na sociedade actual «não deixa de levantar a sua voz para denunciar as injustiças e violências perpetradas contra as mulheres, sejam quais forem o lugar e as circunstâncias em que aconteçam» (EE. 43).

A comunidade cristã será enriquecida com o ser feminino da mulher e da sua condição materna. Igualmente é dever da comunidade valorizar os serviços e ministérios que estão caracterizados pela presença e participação feminina.

Por fim, deparamo-nos com a exigência de uma formação integral dos leigos.

A diocese tem vindo a promover a formação dos leigos através das escolas de formação a nível da Ouvidoria, com a orientação activa do Instituto Católico de Cultura e sob a orientação da Vigararia para a Formação.

Pouco a pouco vão-se definindo os conteúdos. Porém, exi-

ge-se uma formação orgânica, básica e global que capacite os leigos para a sua vida cristã consciente e activa e para a sua missão no meio do mundo.

A formação cristã integral dos fiéis leigos continua a ser tarefa sempre urgente e prioritária para um desempenho da sua missão na Igreja e no mundo.

6. Servir a pessoa e a sociedade

A Igreja que se coloca em conversão pastoral de modo a responder evangelicamente ao mundo actual, é uma comunidade cristã a viver as Bem – aventuranças, na pobreza, na escuta dos pobres e excluídos, na comunhão umbilical com os que sofrem e profética na denúncia das injustiças e nos atropelos à dignidade humana.

Estamos conscientes das dificuldades que se colocam aos diversos agentes pastorais, a começar pelos que são chamados a ser pastores das comunidades cristãs. Porém, está nesta exigência a razão de ser da missão da Igreja. Este desafio vem do próprio Jesus de Nazaré que se fez pobre para nos enriquecer com a sua pobreza.

Daí a exortação que o Papa João Paulo II dirige às comunidades cristãs no contexto europeu, quando diz: «livre de entraves e sujeições, sê pobre e amiga dos mais pobres, acolhedora para com toda a pessoa e atenta a qualquer forma, antiga ou nova, de pobreza» (EE.105).

De facto, «a expectativa dos novos céus e da nova terra, longe de afastar da história, intensifica a solicitude pela realidade presente onde já cresce a novidade que é germe e figura do mundo que há-de vir» (EE.97).

Deste modo, «animados por tais certezas de fé, trabalhamos para a construção duma cidade digna do homem» (EE. 97). Conscientes que «embora não seja possível construir na história uma ordem social perfeita, todavia sabemos que todo

o esforço sincero por construir um mundo melhor é acompanhado pela bênção de Deus e que qualquer germe de justiça e de amor plantado no tempo presente floresce para a eternidade» (EE. 97).

Daí o desafio lançado às comunidades cristãs referindo que «é hora duma nova “fantasia da caridade”, que se manifeste não só nem sobretudo na eficácia dos socorros prestados, mas na capacidade de pensar e ser solidário com quem sofre, de tal modo que o gesto de ajuda seja sentido, não como esmola humilhante, mas como partilha fraterna» (nº 50).

E, acrescenta-se dizendo que «devemos procurar que os pobres se sintam, em cada comunidade cristã, como “em sua casa”» (nº 50). Aliás, continua o texto, «não seria, este estilo, a maior e mais eficaz apresentação da boa nova do Reino?» (nº 50).

A partir da análise à realidade social no contexto da nossa diocese, a escuta, a promoção, a resposta e o aprender a partir dos pobres é uma das maiores exigências de quem se coloca no discernimento dos Sinais dos tempos.

7. Todos Irmãos

A Igreja no seu todo, a comunidade cristã e cada cristão, para exercer a sua missão de evangelizar não poderá deixar de se envolver pelos desafios da Encíclica do Papa Francisco «Todos Irmãos».

Este texto que se situa no domínio da Doutrina Social da Igreja objectivamente apresenta os fundamentos para uma sociedade justa e equilibrada no seu desenvolvimento. O problema da pobreza, da exclusão, dos refugiados, do desequilíbrio entre países ricos e países pobres, das guerras ainda reinantes, da falta de acesso à saúde digna e ao emprego estável, tem por base uma sociedade que não respeita a dignidade humana e o bem comum.

Convida o Santo Padre a edificar uma sociedade assente na

amizade, a que denomina de «amizade social».

Só a partir daí surgirá uma humanidade nova.

Certamente reconhecemos que a Igreja tem o papel primordial na edificação deste mundo novo que corresponda ao Reino inaugurado por Jesus Cristo, que tem como centro as Bem – aventuras, e do qual a Igreja é Sinal e Instrumento.

8. Interpelados pela linguagem digital

Atentos e determinados em envolver todos os baptizados e cada comunidade cristã na missão evangelizadora, não poderemos ignorar o vasto mundo do digital.

São muitas as interpelações e mensagens que a partir dos últimos Papas nos alertam para uma atenção privilegiada aos novos meios que sendo de comunicação se apresentam igualmente como conteúdo a transmitir.

Estar no digital, utilizar os meios e criar conteúdos evangélicos para introduzir neste mundo novo, é tarefa imprescindível e urgente.

Di-lo o Papa Francisco referindo que «não basta circular pelas “estradas” digitais, isto é, simplesmente estar conectados: é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro» (Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2014) .

Verdadeiramente, «não podemos viver sozinhos, fechados em nós mesmos. Precisamos de amar e ser amados. Precisamos de ternura» (Ib.). Aliás, «não são as estratégias comunicativas que garantem a beleza, a bondade e a verdade da comunicação» (Ib.).

De facto, «o próprio mundo dos mass-media não pode alhear-se da solicitude pela humanidade, chamado como é a exprimir ternura. A rede digital pode ser um lugar rico de humanidade: não uma rede de fios, mas de pessoas humanas» (Ib.).

Na realidade, «a neutralidade dos mass-media é só aparen-

te: só pode constituir um ponto de referimento quem comunica colocando-se a si mesmo em jogo. O envolvimento pessoal é a própria raiz da fiabilidade dum comunicador. É por isso mesmo que o testemunho cristão pode, graças à rede, alcançar as periferias existenciais» (Ib.).

É neste novo mundo que somos chamados a evangelizar.

9. A santidade como regra absoluta

O Concílio Ecuménico Vaticano II apresentou a santidade como vocação universal de todos os discípulos de Jesus de Nazaré. Partindo da igual dignidade de todos os baptizados, do chamamento que Jesus dirige a cada um para desenvolver os seus dons no empenho missionário, edificando um mundo mais digno do ser humano, colocando a sua vivência cristã centrada na Eucaristia e na participação activa na comunidade, a santidade torna-se o âmbito integrador de todas as facetas da vida e da missão do baptizado.

Daí que S. João Paulo II afirme que não hesita em dizer que o horizonte para que deve tender todo o caminho pastoral é a santidade (cf. NMI, 30).

Segundo as suas palavras, «é hora de propor de novo a todos, com convicção, esta “medida alta” da vida cristã ordinária: toda a vida da comunidade eclesial e das famílias cristãs deve apontar nesta direcção» (NMI,30).

Atendendo a este apelo, somos convidados a uma programação pastoral que tenha como objectivo integrador a santidade.

Segundo o Papa Francisco, para um cristão, não é possível imaginar a própria missão na terra, sem a conceber como um caminho de santidade. Igualmente, «cada santo é uma missão; é um projecto do Pai que visa reflectir e encarnar, num momento determinado da história, um aspecto do Evangelho» (GE, 19).

Realmente, «esta missão tem o seu sentido pleno em Cristo

e só se compreende a partir d'Ele» (GE. 19). Na verdade, «a santidade é viver em união com Ele os mistérios da sua vida; consiste em associar-se duma maneira única e pessoal à morte e ressurreição do Senhor, em morrer e ressuscitar continuamente com Ele» (GE. 19).

A caminhada cristã é um itinerário permanente e progressivo na santidade.

«A Beleza de caminharmos juntos em Cristo»

Caminhada Sinodal para uma Igreja Diocesana Renovada que responda aos Sinais dos Tempos

Introdução

No passado ano, no qual iniciámos a caminhada sinodal, colocámo-nos em atitude de escuta e de análise da realidade da nossa cultura, da nossa sociedade e da Igreja que somos. A esta reflexão chamámos auscultar os Sinais dos Tempos.

Reunidos em Assembleia Diocesana, no contexto da Caminhada Sinodal, os membros dos dois Conselhos Diocesanos, Pastoral e Presbiteral, aprofundaram a reflexão acerca da realidade que nos envolve e apresentaram as prioridades para a reflexão posterior, reflexo das respostas que dos diversos grupos e movimentos que desafiam a nossa Igreja Diocesana e cada Comunidade Cristã.

Eis-nos a prosseguir com este dinamismo renovador a que chamamos Caminhada Sinodal sob o lema «a beleza de caminharmos juntos em Cristo»

Renovamos o convite para uma caminhada sinodal tal como a Igreja hoje o exige. O facto do Santo Padre o Papa Francisco ter convocado o Sínodo dos Bispos do ano de 2022 sobre a temática do rosto sinodal da Igreja, certamente irá dar ainda mais força à iniciativa da nossa diocese.

Esta caminhada sinodal tem dois planos: o primeiro é realizado na experiência pastoral concreta em cada uma das comunidades cristãs, formando e interpelando para uma participação ativa e consciente de todos os batizados na missão da Igreja, na base de uma comunidade cristã que vive a comunhão e exerce a corresponsabilidade em todos os seus mem-

bros; o segundo diz respeito à reflexão que é pedida a todos os grupos, movimentos e instituições e mesmo a pessoas fora da Igreja para ajudarem na renovação da Igreja diocesana.

É forçoso reconhecer que a Igreja do futuro é de rosto sinodal que implica a participação ativa de todos os fiéis cristãos. Prossigamos nesta caminhada tão bela e tão exigente mas tão necessária. É hora de promovermos os Conselhos Pastorais Paroquiais, os Conselhos Económicos Paroquiais, Assembleias Paroquiais, Movimentos e organismos de participação. Estamos perante um desafio que contém etapas mas é uma caminhada permanente.

O itinerário de reflexão que foi apresentado na última Assembleia diocesana para que se pronunciasse sobre as prioridades a dar consta de cinco temas. Três serão reflectidos no decorrer deste ano e constam deste caderno que agora é apresentado; os dois restantes temas serão reflectidos no próximo ano pastoral.

Deste modo teremos uma visão de conjunto sobre o que se requer da Igreja Diocesana e de cada Comunidade Cristã para que estejam atentas aos Sinais dos Tempos, auscultando-os, discernindo-os à luz do Evangelho e desafiadas por eles se coloquem numa atitude de resposta evangelizadora.

Esta é a hora da renovação... Não podemos parar. Jesus de Nazaré e o Seu Evangelho abrem-nos para o futuro que surge sempre na Novidade do Espírito de Deus.

A quem se destina esta reflexão: a todos os membros da paróquia que se manifestem interessados em participar na renovação da Igreja. Mas sobretudo ao Conselho Pastoral Paroquial, aos grupos, movimentos, instituições e obras apostólicas já organizadas a nível da paróquia e mesmo grupos ou pessoas que queiram organizar-se para fazer esta reflexão. Será oportuno e vantajoso que se proporcionem espaços de diálogo para escutar os que estão fora da prática cristã.

Como organizar o tempo de reflexão: até ao final de Abril de 2021, far-se-á a reflexão a nível paroquial, nos grupos, movimentos e instituições e outros, orientada pelo pároco, o qual convocará o Conselho Pastoral Paroquial para recolher a síntese de respostas.

Até ao final de Maio de 2021, reunirá o Conselho Pastoral de cada Ouvidoria, sob a orientação do Ouvidor, que recolherá as respostas de todas as paróquias da respectiva Ouvidoria e as enviará à Comissão Coordenadora da Caminhada Sinodal até ao final de Junho.

I. UMA IGREJA EVANGELIZADORA

A Igreja existe para evangelizar. Esta é a sua missão essencial. S. Paulo VI afirma-o na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*: “Evangelizar constitui, de facto, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade” (EN 14). Vejamos, concretamente, alguns traços que nos auxiliam a refontalizar esta realidade.

1. Centrada em Jesus Cristo

A evangelização deve ter sempre como base, centro e cume do seu dinamismo uma proclamação clara de que, em Cristo a salvação é oferecida a toda a humanidade (Cf. EN 27). É n’Ele que assenta e se centra a missão evangelizadora da Igreja e é para Ele que a mesma se encaminha. A consciência de sermos uma Igreja cristocêntrica parece estar teoricamente assimilada pelo Povo de Deus. No entanto, este conhecimento nem sempre é consequente. É urgente recentrar a nossa forma de ser e de agir enquanto cristãos.

2. Coração inflamado pelo Evangelho

Os cristãos da nossa Diocese estão convictos de que não há evangelização efectiva sem corações ardorosos. Como anun-

ciar o Evangelho sem se deixar primeiro converter por ele, sem viver aquilo que se anuncia? A este respeito, são oportunas as palavras do Papa Francisco na sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: “Não se pode perseverar numa evangelização cheia de ardor, se não se está convencido, por experiência própria, que não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não O conhecer, não é a mesma coisa caminhar com Ele ou caminhar tacteando, não é a mesma coisa poder escutá-Lo ou ignorar a sua Palavra (...). O verdadeiro missionário, que não deixa jamais de ser discípulo, sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele (...). Se uma pessoa não O descobre presente no coração mesmo da entrega missionária, depressa perde o entusiasmo e deixa de estar segura do que transmite, faltam-lhe força e paixão. E uma pessoa que não está convencida, entusiasmada, segura, enamorada, não convence ninguém” (EG 266).

3. Atenta aos Sinais dos Tempos

O anúncio do Evangelho deve ser encarnado. Nesse sentido, a missão de evangelizar deve ter sempre em conta o horizonte histórico em que se insere. Somos convidados a ler e a interpretar os sinais da passagem de Deus na nossa história para podermos actuar, em ordem a uma resposta evangelizadora da nossa Igreja local às questões que a sociedade, a cultura e até a própria Igreja nos colocam. Através do discernimento e da capacidade de interpretação é necessária uma leitura profética do nosso mundo, nas suas alegrias e esperanças, tristezas e angústias (Cf. GS, 1).

4. Cuidar do anúncio querigmático

O querigma ou primeiro anúncio deve ocupar o centro da atividade evangelizadora e de todas as tentativas de renovação eclesial. É ele que, como nos lembra o Papa Francisco, nos faz crer em Jesus Cristo, que nos comunica a misericórdia do Pai

(Cf. EG 164). O que nesta Exortação se diz do catequista em particular pode aplicar-se a todo o evangelizador em geral: Na sua boca, volta a ressoar sempre o primeiro anúncio: “Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar e agora vive todos os dias contigo para te iluminar, fortalecer e libertar.”

Convém ter em conta que a expressão “primeiro anúncio” não significa quê ele esteja no início de um processo e possa depois ser esquecido. Pelo contrário: Trata-se de “primeiro” em sentido qualitativo porque é o mais importante e aquele que temos de continuar a ouvir. O próprio evangelizador precisa de o escutar muitas vezes e de se deixar converter.

Além disso, lembra o Papa: “Nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esse anúncio. Toda a formação cristã é, primariamente, o aprofundamento do querigma. (...) É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo o coração humano.” (cf. EG 165).

Perante o aparente desconhecimento prático deste momento fulcral da evangelização, poderíamos perguntar: O que implica o querigma? Entre outros aspetos, convém ressaltar os seguintes: deve incluir a aceitação de Deus que se deu aos homens em Jesus; o sentir-se arrancado do pecado e a vontade de entrar na dinâmica do Reino; deve provocar também o desejo de inserção na comunidade cristã.

5. Catequese renovada

A catequese é a etapa do processo evangelizador em que se capacitam basicamente os cristãos para entender, celebrar e viver o Evangelho do Reino e para participar ativamente na construção da comunidade cristã e no anúncio do Evangelho. Esta formação cristã – integral e fundamental – tem como meta a conversão da fé.

A renovação da catequese necessita da participação de todos os membros da comunidade cristã. Inflamados pelo Espí-

rito Santo, todos se devem sentir sujeitos ativos nesta etapa do processo evangelizador: a comunidade, os ministros ordenados, o catequista e, de um modo especial, a família. No que se refere a esta última e dada a situação de indiferença em que muitas famílias vivem por relação ao percurso de fé dos seus educandos, convém lembrar o que nos disseram os bispos portugueses na sua recente carta pastoral: “Hoje têm de ser os filhos a levar os pais ao (re)encontro com Deus.” (Cf. Catequese, a Alegria do encontro com Jesus Cristo, nº 35)

É também urgente uma aposta séria na formação dos catequistas, valorizando as suas diversas dimensões. Sem descuidar nenhuma delas, há que investir no cuidado pela espiritualidade do catequista, para que a transmissão da fé se faça de modo vivenciado, inserida no encontro com Jesus Cristo (Cf. CAEJC, 12)

A catequese tem de ser encarada também numa perspetiva mais abrangente, para além da infância e da adolescência. Urge implementar a catequese de adultos em todas as comunidades cristãs.

6. Autêntica preparação para os sacramentos

A evangelização não se esgota com a pregação ou com o ensino de uma doutrina. Deve atingir toda a vida e, por isso mesmo, a vida sobrenatural, que tem uma forte expressão nos sete sacramentos.

Assim, a evangelização exprime toda a sua riqueza quando realiza uma comunicação ininterrupta entre a Palavra e os Sacramentos. Administrá-los sem um apoio sólido na catequese dos mesmos e numa catequese global é privá-los, em grande parte, da sua eficácia. O papel da evangelização é precisamente o de educar de tal modo para a fé que esta depois leve os cristãos a viver os sacramentos do modo mais pleno possível (Cf. EN 47). A preparação sacramental deve gerar abertura aos sinais, à graça divina e à missão no mundo e a própria

viviência sacramental deve ser celebrado de tal modo que se torne evangelizadora.

7. Novo ardor, novos métodos e novas linguagens

O novo ardor de evangelizar deve provir da abertura ao Espírito e da busca de um novo ânimo por parte de quem já foi evangelizado. Não se pode conceber uma pessoa que tenha acolhido a Palavra e se tenha entregado ao Reino sem se tornar alguém que testemunha e, por seu turno, anuncia esta Palavra (Cf. EN 24).

Na era digital em que vivemos, os novos métodos terão de ter em conta a capacidade que os meios de comunicação têm de chegar a muitos, sem esquecer que ainda há um número razoável de cristãos que, embora comprometidos com a sua fé, não têm acesso facilitado às novas tecnologias. É preciso cuidar que o uso de novos métodos não gere excluídos.

A linguagem também precisa de ser adaptada aos novos tempos de tal modo que os fiéis entendam a mensagem, pela sua clareza e simplicidade. A evangelização perde algo da sua força se não tiver em conta o povo a que se dirige, com o seu contexto e problemas reais. Por outro lado, a evangelização corre o risco de perder a sua alma e de se desvanecer se for despojada ou adulterada do seu conteúdo (Cf. EN 63). Há que atender à fidelidade a Deus e à fidelidade ao homem, numa única atitude de amor (Cf. Catechesi Tradendae 55).

8. A força evangelizadora da Piedade Popular

Já S. Paulo VI se referia à Religiosidade Popular dizendo que, apesar de reconhecer as suas limitações, «se essa religiosidade popular, porém, for bem orientada, sobretudo mediante uma pedagogia da evangelização, ela é algo rico de valores» (EN, 48).

Mais concretamente, «ela traduz em si uma certa sede de Deus, que somente os pobres e os simples podem experimen-

tar; ela torna as pessoas capazes para terem rasgos de generosidade e predispõe-nas para o sacrifício até ao heroísmo, quando se trata de manifestar a fé; ela comporta um apurado sentido dos atributos profundos de Deus: a paternidade, a providência, a presença amorosa e constante, etc» (EN, 48).

Na verdade, «ela, depois, suscita atitudes interiores que raramente se observam alhures no mesmo grau: paciência, sentido da cruz na vida cotidiana, desapego, aceitação dos outros, dedicação, devoção, etc. Em virtude destes aspectos, nós chamamos-lhe de bom grado "piedade popular", no sentido religião do povo, em vez de religiosidade» (EN, 48).

Daí o apelo para que os responsáveis pelas comunidades cristãs e todos os que se empenham na evangelização reconheça que a Piedade Popular «bem orientada, esta religiosidade popular, pode vir a ser cada vez mais, para as nossas massas populares, um verdadeiro encontro com Deus em Jesus Cristo» (EN, 48).

Dada a riqueza que emana da religiosidade do Povo Açoriano no que diz respeito à Piedade Popular, este é um âmbito pastoral absolutamente indispensável e a cuidar na autêntica evangelização.

O Papa Francisco, por sua vez refere-se à Religiosidade Popular dizendo que «quando o Evangelho se inculturou num povo, no seu processo de transmissão cultural também transmite a fé de maneira sempre nova; daí a importância da evangelização entendida como inculturação» (EG, 122).

Mais ainda, «na piedade popular, pode-se captar a modalidade em que a fé recebida se encarnou numa cultura e continua a transmitir-se» (EG, 123).

Para o Papa Francisco, «na piedade popular, por ser fruto do Evangelho inculturado, subjaz uma força activamente evangelizadora que não podemos subestimar: seria ignorar a obra do Espírito Santo» (EG, 126).

E, por último, sublinha que « as expressões da piedade po-

pular têm muito que nos ensinar e, para quem as sabe ler, são um lugar teológico a que devemos prestar atenção particularmente na hora de pensar a nova evangelização» (EG, 126).

Deixemo-nos interpelar pelos desafios que nos são lançados pelo Magistério da Igreja e que iluminam a realidade tão rica da vida pastoral da nossa diocese no que diz respeito à Piedade Popular.

Questões para aprofundar e aplicar a uma Igreja evangelizadora:

1. No âmbito da evangelização, que “alegrias e esperanças”, “tristezas e angústias” encontramos nas nossas comunidades, especialmente na Palavra e nos Sacramentos?

2. O que podemos fazer de concreto para que a missão evangelizadora da Igreja seja mais fecunda nas nossas comunidades e na transformação do mundo em Reino de Deus?

**II. UMA IGREJA EM PERMANENTE DIÁLOGO
COM O MUNDO**

9. Há princípios que não podemos ignorar, a partir da própria comunicação/revelação de Deus com as pessoas. Nunca a relação de Deus conosco esteve separada de uma situação concreta de vida de um povo (historicidade); Deus faz-se carne para fazer dela o lugar da sua manifestação (encarnação); a salvação comunicada na carne, no corpo e na história melhora a humanidade (universalidade); é impensável uma postura de indiferença por parte de Deus e da Igreja, uma vez que são as mesmas pessoas que vivem no mundo e também incorporam a Igreja; para a Igreja é incompatível com o evangelho uma postura de qualquer interesse ou privilégio que não seja o de comunicar a fé, a graça, a libertação e a salvação que Ihe é dada;

não há privilégio algum a defender na Igreja que não seja serviço a prestar dentro e fora dela; se a Igreja se projeta sobre o mundo tem como referência crítica o Reino de Deus que a purifica, amplia e relativiza; os valores desse Reino estão na Igreja mas transvasam os seus limites enriquecendo a criação, a humanidade, a história, a sociedade e a cultura. A presença dos cristãos no mundo contemporâneo requer a correlação dos verbos cuidar e servir, onde se inscreve a diaconia.

10. O diálogo é sempre mútuo, de quem fala e escuta, aprende e ensina, recebe e dá. A Igreja oferece ao mundo o Evangelho, a verdade na caridade, sem medo e com humildade. Procura valorizar a criação na promoção de uma ecologia integral renovada numa nova criação pelo mistério pascal de Cristo. Cada cristão toma esta atitude pessoalmente, mas também o pode e deve fazer de um modo associado e organizado em diversos movimentos de apostolado na missão de evangelizar e santificar o mundo.

11. O tempo da pandemia pôs a nu a afirmação: «lembra-te homem que és pó...»; junto ao sofrimento e ao luto, trouxe consigo também oportunidade e graça, esperança e perspectiva, verdade e caridade, responsabilidade e cuidado uns pelos outros, humildade, sobriedade, essencialidade, criatividade, simplificação, indigência, finitude, contingência, confinamento, etc. A Igreja na sua capacidade de diálogo olha para além da emergência do tempo presente, depois de uma grande lição sobre o valor da vida que inclui a fragilidade, a igualdade, a doença e a morte.

12. As Bem-aventuranças são a norma de vida dos discípulos, a gramática do seu diálogo com o mundo. O discípulo faz uma opção pela pobreza como conselho evangélico, como modo de vida, mas não deixa de lutar contra a pobreza como

miséria que fere a dignidade humana. Por isso, a comunidade cristã dá testemunho de pobreza a exemplo de Jesus Cristo, ao mesmo tempo que combate as causas de uma pobreza imposta e indigna. A Igreja na sua missão profética não deixa de denunciar os atropelos à dignidade humana. Deve denunciar casos que desumanizem a pessoa no que diz respeito às carências efetivas, violência e dependências, ser uma voz profética; uma Igreja interventiva nas questões sociais, mostrando um rosto humano à maneira de Cristo, entrando nos novos "átrios dos gentios", no mundo digital e das diversas manifestações culturais, populares ou mais eruditas.

13. O clamor das pobreza e das realidades de vida das nossas famílias e especialmente dos mais novos, agravado no período da recente epidemia, não pode passar indiferente a Deus nem à sua Igreja. Uma Igreja que se empenhe a debelar, os vírus, as drogas, o desemprego e a desestruturação familiar. Uma Igreja mais inculturada, horizontal e inclusiva. Uma Igreja que seja presença e testemunho, começando pelas famílias e passando por todos os ambientes, onde haja lugar para a "pastoral de vizinhança". Apesar de tudo, deve prevalecer a alegria do encontro, o cultivo da humildade que faz com que haja uma organização de relações horizontais sem que isso implique a perda da reverência devida. Uma linguagem e um método que permita aos jovens inebriarem-se pela pessoa e mensagem de Cristo através da sua Igreja.

14. Uma Igreja mais atenta e atuante na sociedade, nomeadamente, junto dos doentes, dos pobres e excluídos. Uma Igreja que atenda ao clamor da juventude, a quem é necessário dar vez e voz, pois é nela que reside a esperança e o futuro. Uma Igreja desafiada a sair do conformismo, da rotina, indo ao encontro do outro, seja ele quem for, sem medos, julgamentos prévios ou aceções. Uma Igreja coerente com o Evan-

gelho que anuncia, onde a palavra de ordem seja “acolher”, de forma simples e caritativa, sem falsos moralismos. Uma Igreja mais acolhedora, que escute, oriente e acompanhe. Uma Igreja menos clerical, mais próxima, mais simples, mais terra-a-terra. Uma comunidade que partilha dos seus bens com aqueles cujos direitos não são atendidos.

15. Tal como os Apóstolos não temos prata nem ouro, mas temos o Espírito Santo, o dom de Deus, que nos dá força para o serviço da caridade. É possível e desejável uma ação articulada entre diversos serviços eclesiais que atuam na área social, de modo a partilhar recursos, favorecer sinergias, eliminar duplicações e chegar a todos, especialmente à pobreza envergonhada; é possível estabelecer parcerias com outras instituições públicas e privadas que estejam na área sócio caritativa com o objetivo de estabelecer uma rede que torne a ação mais eficaz, identificando e trabalhando as causas da pobreza, muitas vezes, associadas à desorganização da vida familiar e da falta de planeamento ao nível do orçamento familiar.

16. Uma Igreja que faz uma opção clara pelos mais desfavorecidos, pelo seu próximo, investindo na sua formação e na valorização das suas capacidades; comunidades mais contidas e pobres no uso da gestão da “casa comum”. Por isso devem ser privilegiados os serviços que na comunidade atendem os mais frágeis ou excluídos, onde se ensaia o amor, pois no fim da vida seremos julgados pelo amor.

Questões para aprofundar e aplicar a uma Igreja em permanente diálogo com o mundo.

3. A Igreja está presente no mundo e é de certo modo o mundo com o qual dialoga. Como podemos nos Açores como Igreja dialogar permanentemente com o nosso mundo? Como

ouvir a voz do mundo e neste a voz da Igreja?

4. Estar numa Igreja Sinodal é caminhar com o mundo, com os seus problemas e ansiedades. Que contributo podemos dar ao mundo dos Açores nesta hora em que nada ficou como antes?

III. UMA IGREJA COMUNITÁRIA E PARTICIPATIVA EM TODOS OS SEUS MEMBROS

17. A palavra "comunidade" diz-nos que todos temos algo em comum. Na comunidade dos batizados somos chamados a viver os compromissos que advêm do Batismo, pois nela "não há mais judeu ou grego, escravo ou livre, homem ou mulher, pois todos (...) são um só, em Cristo Jesus (cf. Gal 3, 28).

Todos somos filhos de Deus e membros da Igreja, por isso tanto os clérigos como os leigos são irmãos de caminhada, mas com vocações diferentes, orientadas para o mesmo bem de todo o Povo de Deus.

Todos os membros da Igreja são chamados a dar o seu contributo para a edificação do Corpo de Cristo, da comunidade, dando aquilo que receberam e pondo ao serviço dos outros a sua reflexão, a sua espiritualidade, a sua fé e a sua ação.

A Paróquia continua a ser ainda nos nossos dias o lugar visível onde está presente a Unidade e diversidade dos dons, carismas e ministérios. Eles têm a sua origem no Espírito Santo em ordem à comunhão, vida e missão da Igreja (cf. 1Cor, 5-11).

18. Áreas de participação na vida comunitária:

Sector da Liturgia

A renovação da liturgia promovida pelo Concílio Vaticano II ensinou-nos que as ações litúrgicas são celebrações da Igreja e que "por isso, tais ações pertencem a todo o Corpo da

Igreja, manifestam-no, atingindo, porém, cada um dos membros de modo diverso, segundo a variedade de estados, funções e participação atual” (Lumen gentium 26).

Nesse sentido, entende-se que todos são, a seu modo, participantes da mesma ação, que manifesta a unidade da Igreja celebrante. A grande riqueza da celebração litúrgica encontra-se precisamente numa assembleia em que todos participam ativamente na sua realização.

Sector do Anúncio

A missão da Igreja consiste em evangelizar. “Cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor das suas ações” (EG 120). Todos somos chamados ao anúncio!

Sector da Caridade

A caridade cristã faz parte integrante da missão da Igreja e, sem ela, soam a vazio as palavras, os gestos, os rituais, o culto e as congregações da assembleia comunitária, particularmente para a celebração da Eucaristia, o sacramento da comunhão e da partilha.

O nosso tempo é testemunha de um novo dinamismo caritativo da Igreja, que não pode ser visto como um apêndice, mas como um imperativo da fé, da comunhão com Deus e com os irmãos.

19. Vivamos como comunidade sinodal

A construção da Igreja enquanto comunidade dos fiéis, unidos a Cristo, é tarefa de todos os seus membros, que devem pôr a render os dons que receberam em favor do bem comum

A caminhada sinodal que estamos a viver na nossa Diocese

constitui um novo modo de ser Igreja, marcado pela capacidade de emprendermos caminho juntos. Por isso impõe-se cada vez mais a consciência de que todos somos necessários e todos temos um lugar na Igreja.

20. A comunhão eclesial que se vive na diversidade de carismas e funções.

A comunhão que se vive na diversidade de carismas, funções e serviços concretiza o testemunho que brota da Trindade. A Igreja Local faz acontecer e viver o mistério da comunhão.

É convocada para ser comunhão pela participação de todos e cada um dos seus membros na comunhão trinitária. Incorporados em Cristo, todos se tornam filhos de Deus, pelo Espírito Santo, e irmãos para viverem entre si uma profunda comunhão fraterna. Assim, na unidade vive-se também a pluralidade existente na Diocese.

21. Promoção e valorização dos diversos carismas e ministérios.

A Igreja que é e está na Diocese é Povo (Laos) presente no nosso mundo açoriano, reconhecendo, promovendo e valorizando todas as vocações e ministérios suscitados pelo Espírito.

O processo de incorporação na Comunidade Cristã dá-se pela Iniciação Cristã. A Ministerialidade de Cristo vivida na Igreja, traduz-se na fecundidade da vocação batismal e nas de especial consagração, bem como no exercício dos ministérios instituídos e ordenados.

Na valorização dos diversos dons ou carismas há que considerar o valor e a função do Sujeito Principal que é a Igreja Local nos seus diversos membros: Presbíteros, Diáconos, Consagrados(as), Leigos(as); e por outro lado, no intensificar a renovação sinodal das estruturas comunitárias: Paróquias

(Zonas Pastorais e Unidades Pastorais) Ouvidorias e Vigarias Episcopais.

a) Presbíteros

Juntamente com o Bispo, cabeça do Presbitério, os Presbíteros fazem acontecer e servem a Igreja com a Palavra, a Eucaristia e a Reconciliação. Há que fortalecer a comunhão no presbitério e equacionar trabalhando as seguintes dimensões da vida dos presbíteros na nossa Diocese: espiritualidade diocesana, inserção e exercício pastoral, formação permanente e estatuto económico. Ajudará a vida dos presbíteros, o ter em conta as diferentes idades: padres desde a ordenação até 10 anos, dos 10 aos 25 anos, dos 25 aos 40 anos, e dos 40 anos até ao final da vida.

b) Diáconos Permanentes

Os Diáconos são ordenados para o Ministério da Caridade, sem excluir os da Palavra e Liturgia. Temos necessidade de orientações num plano que inclua a escolha, preparação, admissão, nomeação, ordenação e inserção no exercício pastoral do ministério diaconal na nossa Igreja Particular.

c) Consagrados(as)

Referimos aqui os Consagrados dos ramos masculino e feminino, ou seja, os Religiosos e Religiosas que dando testemunho pela vivência radical dos conselhos evangélicos, são sinal e presença no trabalho da pastoral geral, na ação social e caritativa, na dimensão contemplativa e orante, no ensino e na vida paroquial.

Importa fomentar e promover mais a vida consagrada em todas as nossas ilhas, dentro de uma pastoral integrada das Vocações e inserir sempre mais os Religiosos(as) na vida da nossa Igreja Diocesana.

d) Leigos

Diz-nos o Papa Francisco na *Evangelii gaudium*, 102, “A imensa maioria do povo de Deus é constituída por leigos. Ao seu serviço, está uma minoria: os ministros ordenados. Cresceu a consciência da identidade e da missão dos leigos na Igreja. Embora não suficiente, pode-se contar com um numeroso laicado, dotado de um arraigado sentido de comunidade e uma grande fidelidade ao compromisso da caridade, da catequese, da celebração da fé.

Mas, a tomada de consciência desta responsabilidade laical que nasce do batismo e da confirmação não se manifesta de igual modo em toda a parte; nalguns casos, porque não se formaram para assumir responsabilidades importantes, noutros por não encontrarem espaço nas suas Igrejas particulares para poderem exprimir-se e agir por causa dum excessivo clericalismo que os mantém à margem das decisões”.

Os cristãos Leigos(as) têm uma função única e original na Igreja e na Sociedade. Estes homens e estas mulheres são “o coração da Igreja no mundo” e “o coração do mundo na Igreja”. A nossa Diocese necessita de promover o Apostolado Laical, valorizando os homens e mulheres cristãos nos ambientes do mundo e no interior das comunidades cristãs. Assim, se vencerá o clericalismo e se promoverá o verdadeiro protagonismo laical.

22. A valorização do papel das mulheres, na Sociedade e na Igreja.

Olhando os Açores, muito há a fazer ainda pela promoção e papel das mulheres na família, trabalho, cultura, política etc. Importa vencer problemas como os da violência sobre as mulheres, do desemprego e opressão.

Na Igreja teremos de valorizar ainda mais o trabalho pastoral nas paróquias, nas estruturas de aconselhamento, de decisão e da formação da vida diocesana.

23. Formação integral para a edificação de uma Igreja que promove vários ministérios eclesiais.

A Formação que necessitamos é a que valorize os conteúdos e a dinâmica da Iniciação Cristã e faça uma proposta abrangente em ordem à missão. Esta formação será destinada: a todo o povo de Deus (formação básica), aos agentes da pastoral, ao mundo da cultura e aos ministérios instituídos e aos ministérios ordenados. O plano de formação partirá das necessidades reais das pessoas, com sessões presenciais e à distância, utilizando as estruturas paroquiais, as de Ouvidoria com as Escolas de Formação Cristã; tendo como apoiantes o Seminário Episcopal de Angra e o Instituto Católico de Cultura. Toda a coordenação é da Vigararia da Formação.

24. A santidade como regra absoluta

Certos da palavra do Apostolo de que “esta é a vontade de Deus, a vossa santificação” uma Igreja em renovação sinodal forçosamente será uma Comunidade de Santidade. Uma Santidade que não é um amontoado de regras, mas sim a Regra Absoluta feita através da dimensão contemplativa da fé e da vivência de espiritualidade diocesana, traduzidas na vida fraterna das comunidades, no testemunho de santidade dos seus membros e na santidade de Deus no mundo pela prática das obras da misericórdia, da solidariedade para com os sofredores e da construção de uma sociedade justa.

Questões para aprofundar e aplicar a uma Igreja comunitária e participação:

5. Algo está nascendo e algo está morrendo na Igreja em todo o mundo e entre nós. Na dimensão comunitária e participativa o que terá de desaparecer, o que deve permanecer e o que deve nascer de novo na nossa Igreja Diocesana?

6. Como levar as nossas paróquias a uma verdadeira vivência sinodal? Que conversão pastoral é necessária?

A Comissão Coord. da Caminhada Sinodal, 1 de novembro de 2020

Assembleia Diocesana Comunicado Final

De dois a cinco de outubro de 2020 reuniu a Assembleia Diocesana conjunta do Conselho Pastoral Diocesano e do Conselho Presbiteral, no Centro Pastoral Pio XII em Ponta Delgada, sob a presidência do Bispo Diocesano, D. João Lavrador que invocou o Espírito Santo, tendo referido no discurso de abertura que “a nova cultura e a nova civilização estão a reclamar a proposta do Evangelho, que exige um rosto sinodal das nossas comunidades cristãs”.

Estiveram em reflexão três temas, que após a síntese das propostas dos diversos grupos da Diocese, mereceram um aprofundamento e debate na Assembleia:

- A Igreja e os rumos da cultura hoje;
- Situação social e económica dos Açores e
- Identidade religiosa e eclesial no nosso meio.

No primeiro tema destacou-se: a Igreja vê-se confrontada com a cultura atual, onde predomina o absoluto da ciência e onde Deus está ausente. Há uma pretensão de que as novas tecnologias respondam ao sentido da vida humana, prescindindo do religioso. No entanto, a Igreja também é produtora de cultura e o apelo aponta para o regresso à fidelidade ao Evangelho (Reino de Deus) para que a criatividade das novas gerações possa dispor do fermento para operar a transformação de um mundo já antigo.

No segundo tema destacou-se: A Igreja deve cooperar na sinalização, identificação e até denúncia, das situações de carência e exclusão. Cooperando com as entidades públicas e privadas, a comunidade paroquial/Igreja deve acolher em permanência numa pastoral de proximidade. Para combater a pobreza, a educação e o emprego foram identificados como

eixos de intervenção fundamentais, onde também a Igreja pode cooperar através do incremento do voluntariado e da criação de emprego, nomeadamente através do Terceiro Sector. A Pastoral Social deve ser menos assistencialista e mais capacitadora dos que beneficiam do apoio.

No terceiro tema, destacou-se: A Igreja é entendida como Povo de Deus, está ao serviço do Reino de Deus e não é uma realidade para si mesma, está vocacionada para a sinodalidade. Para ser Igreja exige-se o envolvimento de todos e deve ser de cariz missionária.

Por último foi apresentado um documento de trabalho que refletia as propostas que emergiram do documento de síntese atrás referido e que reflete a Caminhada Sinodal para uma Igreja Diocesana renovada que responda aos Sinais dos Tempos. Foram apresentados cinco temas, que mereceram uma apreciação da Assembleia.

A Assembleia manifestou-se para que haja o alargamento do tempo necessário para a auscultação da dinâmica na caminhada sinodal, incluindo aos que estão de fora com a maior eficácia possível.

Em ordem a dar continuidade à caminhada sinodal, foi pedido que fossem indicadas as prioridades para a reflexão, do que resultaram as opções pela seguinte ordem: Igreja Evangelizadora; Igreja em permanente Diálogo com o mundo; Igreja Comunitária e participativa em todos os seus membros; Igreja Integradora, com os pobres, que escuta o grito dos que sofrem e Igreja Missionária.

Sentimo-nos animados pelas palavras do Papa Francisco, na Encíclica Fratelli Tutti, promulgada no decorrer desta Assembleia, que diz “quero destacar o convite a um amor que ultrapassa as barreiras da geografia e do espaço; nele declara feliz quem ama o outro, o seu irmão, tanto quando está longe, como quando está junto de si (1)... como é importante sonhar

juntos, sonhemos com uma única humanidade, como caminhantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé e das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos (8)''.

Ponta Delgada, 5 de outubro de 2020

Mensagem ao Povo de Deus na sequência da Assembleia Diocesana

«Venerai a Cristo em vossos corações e estai sempre prontos a responder (...), com doçura e respeito, a todo aquele que vos perguntar a razão da vossa esperança» (1Pe. 3,15)

Ao terminar a primeira reunião da Assembleia diocesana que integrava os membros do Conselho Diocesano de Pastoral e os membros do Conselho Presbiteral, no contexto da caminhada sinodal, dirijo-me a todos vós Povo de Deus da Diocese de Angra para convosco louvar o Senhor que pela acção do Espírito Santo deseja renovar a Igreja para ser testemunha do Seu Filho, Jesus Cristo, no contexto actual da nossa cultura e da nossa sociedade.

A expressão de comunhão eclesial que se alicerça na oração, na vivência eucarística e na partilha fraterna, tão fortemente vividas no decorrer dos trabalhos desta Assembleia; o desejo de aprofundar a realidade dos tempos em que vivemos e deixar-se interpelar para corresponder ao apelo de Jesus Cristo de propor vivencialmente o Evangelho aos homens e mulheres do nosso tempo; a ansia demonstrada de querer ser fiel a Cristo e na comunhão da Igreja para conduzir a vida das comunidades cristãs no sentido de dialogar com o mundo de hoje e acolher os pobres e os excluídos; são motivos para darmos graças a Deus pela manifestação da Sua misericórdia e ternura para com o Seu Povo.

Em clima de esperança que só nos pode vir da comunhão com Jesus Cristo, foi realçada a necessidade de nos propormos evangelizar auscultando todos os nossos irmãos sejam os que integram as nossas comunidades cristãs sejam os que estão fora para que no discernimento evangélico dos seus apelos possamos edificar uma comunidade em que todos os baptizados se sintam participantes activos da missão da Igreja

mas também convocados a ser discípulos missionários numa Igreja em saída, tal como nos tem interpelado o Santo Padre o Papa Francisco.

No decorrer desta Assembleia amadureceu-se a consciência que a Igreja no mundo de hoje tem de ser sinodal. Não se ignorou que esta mudança exige conversão pessoal, comunitária e pastoral; é uma caminhada que exige tempo e persistência; contudo, estamos conscientes que é esta a Igreja, Povo de Deus, que melhor testemunha o Evangelho de Jesus Cristo na nova fase da história.

Esteve muito presente a situação actual de pandemia, não só pelos desafios imediatos que coloca às nossas comunidades cristãs, mas na sua implicação decisiva no ressurgir de um mundo novo, de uma nova cultura e nova civilização. Sentiu-se vivamente a actualidade do desafio a uma nova evangelização.

A riqueza do trabalho de reflexão, de esperança e de abrir caminhos para o futuro presentes nesta Assembleia não seria possível sem o esforço de reflexão e de renovação já a florescer em inúmeros grupos, movimentos e pessoas de boa vontade, de comunidades religiosas, serviços diocesanos, conselhos pastorais paroquiais e de ouvidoria, jovens e adultos, famílias e mesmo idosos. Fica o nosso reconhecimento e a certeza de que é neste esforço comum que podemos ultrapassar os obstáculos sempre teimosos em impedir a verdadeira renovação evangélica das comunidades cristãs e a evangelização do mundo actual.

No decorrer dos trabalhos da nossa Assembleia, tivemos a graça de receber a publicação da Encíclica «Todos Irmãos» do Papa Francisco. Nela se reflecte a comunhão, a fraternidade e o amor fraterno como fundamento para o ser e para o actuar na Igreja e na sociedade. Aí se diz que «isolamento e o fechamento em nós mesmos ou nos próprios interesses nunca serão o caminho para voltar a dar esperança e realizar uma renova-

ção, mas é a proximidade, a cultura do encontro» (nº 30).

E, num outro passo refere que «o que conta é gerar processos de encontro, processos que possam construir um povo capaz de recolher as diferenças» (nº 217). Daí o desafio lançado pelo Papa: «armemos os nossos filhos com as armas do diálogo! Ensinemos-lhes a boa batalha do encontro!» (nº 217).

Este trabalho pastoral de renovação, em caminhada comum, auscultando e dialogando com o mundo de hoje, provocando a conversão missionária das comunidades cristãs, vai continuar. Isto mesmo ficou patente nas aspirações de todos os membros da Assembleia e penso que está presente na diversidade das nossas comunidades, movimentos e instituições.

Igreja evangelizadora, à maneira de Jesus Cristo e segundo os apelos do Concílio Ecuménico Vaticano II, foi a prioridade, muito acertada, dada pelos membros da Assembleia para auscultar e dialogar com a cultura de hoje, testemunhar o Evangelho na sociedade actual e construir comunidades cristãs participativas na missão da Igreja.

Verdadeiramente o agente evangelizador é a comunidade cristã.

Estamos todos convocados para continuar a edificar a Igreja renovada com rosto sinodal.

Ao começar o tempo de Advento daremos início à nova fase desta caminhada sinodal. Então, serão apresentadas as orientações para a vivência e para a reflexão que a todos é pedida.

Tal como o profeta Isaías, também nós hoje, apoiados na Revelação de Deus que ama o Seu Povo, poderemos exclamar: «eis que vou realizar uma obra nova, a qual já começa. Não a vedes?» (Is. 43, 19).

Colocamos este nosso trabalho pastoral sob a protecção e intercessão de Nossa Senhora, Mãe e Rainha dos Açores e do Beato João Baptista Machado, nosso Padroeiro.

+João Lavrador, Bispo de Angra e Ilhas dos Açores

Calendário Diocesano 2020/2021

Setembro 2020

- 01 - Terça Feira - Dia de oração pelo cuidado da terra
- 02 - Quarta Feira - Retiro para ordens e ministérios (31-4)
- 03 - Quinta Feira - «Tomadas de posse» de párocos (5-27)
- 06 - Domingo - Ordenações presbiterais e instituição de ministérios
 - Festa do Senhor Santo Cristo da Caldeira – S. Jorge
 - Santuário Diocesano
- 13 - Domingo - Festa de Nossa Senhora dos Milagres da Serreta – santuário diocesano
 - Ofertório para ao Lugares Santos
- 15 - Terça Feira - Comissão Coord. da Caminhada Sinodal
- 16 - Quarta Feira - Sensibilização e formação de catequistas – Ponta Delgada (16-17)
- 18 - Sexta Feira - Conselho Geral da Caritas (18-19)
- 20 - Domingo - Celebração da Confirmação – Ouvidoria da Praia da Vitória (20-30)
- 22 - Terça Feira - Celebração de abertura do ano lectivo no Seminário Maior
- 23 - Quarta Feira - Sensibilização e formação de catequistas na Ribeira Grande
- 24 - Quinta Feira (24-25) - Jornadas da Comunicação Social (Fátima)

Outubro 2020

- 01 - Quinta Feira - Encontro de responsáveis de grupos de jovens – Terceira
- 02 - Sexta Feira (02-05) - Assembleia da caminhada sinodal (Conselho Presbiteral e Conselho Diocesano de Pastoral)
- 03 - Sábado - Colégio de Consultores
- 04 - Domingo - Vigários Episcopais com seus Ouvidores
- 05 - Segunda Feira - Encerramento da assembleia diocesana

14 - Quarta Feira - Celebração da Eucaristia na Abertura do Ano Académico - Ponta Delgada
16 - Sexta Feira - Aniversário da Dedicção da Catedral
18 - Domingo - Dia mundial das Missões (ofertório)
19 - Segunda Feira - Comissão Coordenadora da Caminhada Sinodal
22 - Quinta Feira - Jornadas formativas de catequese na Ribeira Grande (21-23)
25 - Domingo - Eleições para Assembleia L. Regional
27 - Terça Feira - Conselho Episcopal Diocesano
30 - Sexta Feira - Vigília de oração pelos seminários
31- Sábado - Celebração da Confirmação (31-1) – Angra – Cidade – na Sé

Novembro 2020

01 - Domingo - Todos os Santos
- Semana dos Seminários (1-8)
02 - Segunda Feira - Comemoração dos Fiéis Defuntos
- Dia de luto nacional
- Celebração pelas vítimas do Covid 19
03 - Terça Feira - Aniversário da Diocese (486 anos)
08 - Domingo - Dia da Igreja Diocesana
09 - Segunda Feira (09-12) - Reunião da Conferência Episcopal (Fátima)
14 - Sábado - Dia do Catequista da ilha de São Miguel – Ponta Delgada
15 - Domingo - Dia do Pobre
16 - Segunda Feira - Semana Bíblica – Ponta Delgada (16-20)
19 - Quinta Feira - Introdução ao Evangelho de Marcos - Salão do Seminário - Angra
21 - Sábado (21 e 22) - Encontro diocesano com os movimentos apostólicos - Angra
22 - Domingo - Domingo de Cristo Rei do Universo

- 23 - Segunda feira – Crismas em Angra – Leste (23-27)
- 26 - Quinta Feira - Introdução ao Ano Litúrgico - Salão do Seminário - Angra
- 27 - Sexta Feira - Apresentação do programa diocesano e caminhada sinodal ao Clero da Vigararia do Ocidente (Madalena – Pico)
- Reunião de Leigos (Conselhos Pastorais Paroquiais e responsáveis de movimentos) – às 20h30 - Pico
- 28 - Sábado - Reunião de Leigos (Conselhos Pastorais Paroquiais e responsáveis de movimentos) – às 20h30 - Faial
- 29 - Domingo- 1º Domingo do Advento – Início do Ano pastoral na Diocese e em cada paróquia (continuação da caminhada sinodal)
- 30 - Segunda Feira - Apresentação do programa diocesano e caminhada sinodal ao Clero da Vigararia do Centro (Seminário Maior- Angra)

Dezembro 2020

- 02 - Quarta Feira - Apresentação do programa diocesano e caminhada sinodal ao Clero da Vigararia do Nascente (Centro Pastoral Pio XII – Ponta Delgada)
- Reunião de Leigos (Conselhos Pastorais Paroquiais e responsáveis de movimentos) – às 20h30 - Centro Pastoral Pio XII (Ponta Delgada)
- 03 - Quinta Feira - Reunião de sacerdotes da Ouvidoria do Nordeste – às 15 horas
- Reunião de Leigos (Conselhos Pastorais Paroquiais e responsáveis de movimentos) – às 20h30 - Nordeste
- 04 - Sexta Feira - Reunião de sacerdotes da Ouvidoria de Ponta Delgada – às 10 horas
- Reunião de sacerdotes da Ouvidoria da Povoação – às 15 horas
 - Reunião de Leigos (Conselhos Pastorais Paroquiais e responsáveis de movimentos) - Povoação - às 20h30

- 05 - Sábado - Reunião dos sacerdotes da Ouvidoria de Capelas – às 10 horas
- Reunião de Leigos (Conselhos Pastorais Paroquiais e responsáveis de movimentos)- Capelas - às 20h30
- 06 - Domingo - Reunião de Leigos (Conselhos Pastorais Paroquiais e responsáveis de movimentos)- Fenais de Vera Cruz - às 16 horas
- 07 - Segunda Feira - Crismas – Aqualva – Praia da Vitória
- 08 - Terça Feira - Solenidade da Imaculada Conceição – Conceição (Angra) – Santuário Diocesano
- Ordenações de diáconos
- 09 - Quarta Feira - Reunião dos sacerdotes da Ouvidoria de Vila Franca do Campo – às 15 horas
- Reunião de Leigos (Conselhos Pastorais Paroquiais e responsáveis de movimentos)- Vila Franca do Campo - às 20h30
- 10 - Quinta Feira - Reunião dos sacerdotes da Ouvidoria da Lagoa– às 15 horas
- Reunião de Leigos (Conselhos Pastorais Paroquiais e responsáveis de movimentos)- Lagoa - às 20h30
- 11 - Sexta Feira - Reunião dos sacerdotes da Ouvidoria de Fenais de Vera Cruz– às 10 horas
- Reunião dos sacerdotes da Ouvidoria da Ribeira Grande– às 15 horas
- Reunião de Leigos (Conselhos Pastorais Paroquiais e responsáveis de movimentos)- Ribeira Grande - às 20h30
- 12 - Sábado - Reunião dos sacerdotes da Ouvidoria de Vila do Porto – às 16 horas
- Reunião de Leigos (Conselhos Pastorais Paroquiais e responsáveis de movimentos) - Vila do Porto- às 20h30
- 13 - Domingo - Celebração com a pastoral juvenil – Terceira
- 15 - Terça Feira - Reunião dos sacerdotes da Ouvidoria de Angra– às 15 horas
- Reunião de Leigos (Conselhos Pastorais Paroquiais e

responsáveis de movimentos)- Angra - às 20h30
16 - Quarta Feira - Reunião dos sacerdotes da Ouvidoria da Praia da Vitória- às 15 horas
- Reunião de Leigos (Conselhos Pastorais Paroquiais e responsáveis de movimentos) - Praia da Vitória - às 20h30
25 - Sexta Feira - Solenidade do Natal do Senhor
27 - Domingo - Domingo da Sagrada Família de Nazaré
31 - Quinta- Feira - Te Deum

Janeiro 2021

01 - Sexta Feira - Solenidade de Santa Maria Mãe de Deus e Dia mundial da Paz
03 - Domingo - Solenidade da Epifania do Senhor
07 - Quinta Feira - Continuação da visita pastoral a S. Jorge (07 -15)
10 - Domingo - Festa do Batismo do Senhor
- Infância Missionária – Povoação
14 - Quinta Feira - Encontro com os responsáveis de grupos de jovens – Terceira
15 - Sexta Feira - Santo Amaro
16 - Sábado - Reunião dos sacerdotes da Ouvidoria da Graciosa – às 15h30
- Reunião de Leigos (Conselhos Pastorais Paroquiais e responsáveis de movimentos) - Graciosa - às 20h00
17 - Domingo - Crismas em Angra – Periferia (18-22)
18 - Segunda Feira - Oitavário de oração pela unidade dos cristãos (18-25)
24 - Domingo - Dia da Palavra de Deus
- Celebração de S. Sebastião – Ponta Delgada
25 - Segunda Feira (25 – 29) - 1º Turno de Retiro para o Clero – (Centro Pastoral Pio XII – Ponta Delgada)
26 - Terça Feira - Jornadas de pastoral litúrgica (26-28) – Flores
30 - Sábado - Encontro Nacional de Referentes da Pastoral da Cultura (Fátima)

Obs. Para as Ouvidorias do Corvo e Flores serão marcadas as datas, a combinar, para as respetivas reuniões com leigos e clero

Fevereiro 2021

- 01 - Segunda Feira (01-05) - 2º Turno de Retiro para o Clero – Angra (Pico da Urze)
- 02 - Terça Feira - Dia do Consagrado
- 05 - Sexta Feira - Jornadas formativas de catequese – Santa Maria
- 07 - Domingo - Celebração anual do Cabido
- Dia da Universidade Católica
- 08 - Segunda Feira - Conselho Episcopal Diocesano
- 09 - Terça Feira - Encontro dos Reitores dos Santuários Diocesanos (S. Jorge)
- 11 - Quinta Feira - Dia Mundial do Doente
- 12 - Sexta Feira - Recolecção da Quaresma para o Clero da Vigararia do Ocidente (Horta)
- 17 - Quarta Feira - Celebração do início da Quaresma (Cinzas) - Recolecção da Quaresma para o Clero da Vigararia do Centro – Seminário Maior de Angra
- 18 - Quinta Feira - Recolecção da Quaresma para o Clero da Vigararia do Nascente – Centro Pastoral Pio XII – Ponta Delgada
- Aniversário natalício de D. João Lavrador - Jornadas de pastoral litúrgica (18-20) – Faial
- 21 - Domingo - 1º Domingo da Quaresma
- 22 - Segunda Feira (22-26)- Retiro da CEP (Fátima)
- Jornadas Bíblicas nas ilhas Terceira, Faial e Pico (22-27)
- 27 - Sábado - Retiro de catequistas da ilha de São Miguel – Capelas

Março 2021

- 15 - Segunda Feira - Aniversário natalício de D. António Braga

- 16 - Terça Feira - Jornadas de pastoral litúrgica no Pico – São Roque
- 17 - Quarta Feira (17 a 19) - Jornadas de Teologia – Seminário Maior – Angra
- 19 - Sexta Feira - São José. Dia do Pai
- 25 - Quinta Feira - Anunciação do Senhor. Legião de Maria
- Congresso Nacional «Mulher, Mãe e Rainha». Nos 375 anos da coroação de N^a. S^a. da Conceição como padroeira de Portugal – (25-27) – Vila Viçosa e Évora
- 27 - Sábado - Vigília de oração da juventude
- 28 - Domingo - Domingo de Ramos – J. M. da Juventude
- 29 - Segunda Feira - Renovação das Promessas sacerdotais para o clero da Vigararia do Nascente (Matriz Ponta Delgada – 12 horas)
- 30 - Terça Feira - Renovação das Promessas sacerdotais para o clero da Vigararia do Ocidente (Matriz da Horta – 12 horas)
- 31 - Quarta Feira - Missa Crismal e Renovação das Promessas sacerdotais para o clero da Vigararia do Centro (Sé de Angra-20 horas)

Abril 2021

- 01 - Quinta Feira - Celebração da Ceia do Senhor
- 02 - Sexta Feira - Celebração da Paixão e Morte do Senhor
- 03 - Sábado - Celebração da Vigília Pascal
- 04 - Domingo - Celebração do Domingo da Ressurreição
- 05 - Segunda Feira - Formação sobre liderança no Pico (5-9)
- 12 - Segunda Feira (12 -15) - Conferência Episcopal - (Fátima)
- 14 - Quarta Feira - Jornadas formativas da catequese – C. P. Pio XII – Ponta Delgada
- 17 - Sábado - Vigília de oração pelas vocações (SEA)
- Celebração da confirmação, Pico (17-18)
- 24 - Sábado - Vigília de oração pelas vocações

- 25 - Domingo - Celebração da confirmação, Pico (24-25)
 - Dia Mundial de oração pelas vocações
- 26 - Segunda-feira - Conselho Episcopal Diocesano - Ponta Delgada
- 27 - Terça Feira - Conselho Presbiteral (27 -29)
- 28 - Quarta Feira - Colégio de Consultores

Maio 2021

- 02 - Domingo - Dia da Mãe
 - Celebração da Confirmação, Faial (2-4)
- 07 - Sexta Feira (07 – 09) — Celebrações do Senhor Santo Cristo dos Milagres (Ponta Delgada)
- 09 - Domingo (09 – 16) - Semana da Vida
- 13 - Quinta feira – Virgem Maria do Rosário de Fátima
- 15 - Sábado - Dia Mundial da Família
- 16 - Domingo - Solenidade da Ascensão do Senhor e Jornada mundial das Comunicações Sociais
 - Festas do Senhor Santo Cristo - 50 Anos - Santa Maria
- 22 - Sábado - Dia do padroeiro da Diocese (Beato João Baptista Machado)
- 23 - Domingo - Solenidade do Pentecostes
 - Dia do Apostolado dos Leigos (ofertório)
- 24 - Segunda Feira - Encerramento do ano Laudato Si
 - Dia da Região Autónoma dos Açores
- 30 - Domingo - Festa da Santíssima Trindade

Junho 2021

- 03 - Quinta Feira - Solenidade do Corpo de Deus
- 05 - Sábado - Jornadas da Pastoral da Cultura
 - Crismas na Graciosa (5-6)
- 07 - Segunda Feira - Encontro Ibérico das Comunicações Sociais (07-09)
- 10 - Quinta Feira - Caminhada da pastoral juvenil – Terceira

- 11 - Sexta Feira - Solenidade do Sagrado Coração de Jesus
 - Dia de oração pela santificação dos sacerdotes
 - Celebração dos Jubileus Sacerdotais - Angra
- 13 - Domingo - Celebração da confirmação – Flores
- 14 - Segunda feira (14 – 17) - Crismas – Corvo
 - Jornadas de Estudo da Conferência Episcopal - (Fátima)
- 19 - Sábado - Encerramento do ano letivo– Seminário
- 24 - Quinta-feira - São João Batista, Nascimento de
- 27 - Domingo - Ordenações presbiterais
 - Ofertório para a Santa Sé (Cadeira de S. Pedro)
- 29 - Terça Feira - Aniversário da ordenação episcopal de D. João Lavrador (2008)
- 30 - Quarta Feira - Aniversário da ordenação episcopal de D. António Sousa Braga (25 anos)

Julho 2021

- 16 - Sexta Feira - N^a. S^a. do Carmo
- 26 - Segunda Feira - São Joaquim e Santa Ana – Dia dos avós
 - Encontro Nac. de pastoral litúrgica (26-29) – Fátima

Agosto 2021

- 06 - Sexta Feira - Transfiguração do Senhor - Titular da Sé Festa do Bom Jesus Milagroso de S. Mateus (Pico)
- 08 - Domingo - Semana da Mobilidade Humana (18-15)
- 15 - Domingo - Assunção de Nossa Senhora
 - Ofertório para a pastoral das migrações

Oração pela caminhada sinodal na Diocese de Angra

Senhor, Pai Santo,
que colocaste no mundo, como fermento,
a força do Evangelho;
concede à tua Igreja de Angra, nos Açores
convocada em teu nome
para a caminhada sinodal,
a graça de progredir no amor e na unidade,
de se renovar na diversidade das suas comunidades,
movimentos e instituições;
de modo que seja sempre instrumento
da presença de Jesus Cristo no mundo.
Que pela ação do Espírito Santo
perdure até ao fim na nossa comunidade diocesana
a integridade da fé,
a santidade de vida,
e a caridade fraterna.
Que nos guie neste caminho
o Beato João Batista Machado, nosso padroeiro
e nos acompanhe sempre o amor maternal da Virgem Maria,
Mãe e Rainha dos Açores.
Nós Te pedimos por Cristo, Senhor Nosso.

Ámen.

CALENDÁRIO 2020 / 2021

SETEMBRO							OUTUBRO							NOVEMBRO						
D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S
										1	2	3		F	2	3	4	5	6	7
		1	2	3	4	5	4	F	6	7	8	9	10	8	9	10	11	12	13	14
6	7	8	9	10	11	12	11	12	13	14	15	16	17	15	16	17	18	19	20	21
13	14	15	16	17	18	19	18	19	20	21	22	23	24	22	23	24	25	26	27	28
20	21	22	23	24	25	26	25	26	27	28	29	30	31	29	30					
27	28	29	30																	

DEZEMBRO							JANEIRO							FEVEREIRO						
D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S
	F	2	3	4	5	6					F	2			1	2	3	4	5	6
7	F	9	10	11	12	13	3	4	5	6	7	8	9	7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20	10	11	12	13	14	15	16	14	15	C	17	18	19	20
21	22	23	24	N	26	27	17	18	19	20	21	22	23	21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31				24	25	26	27	28	29	30	28						
							31													

MARÇO							ABRIL							MAIO						
D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S
	1	2	3	4	5	6				1	F	3								F
7	8	9	10	11	12	13	P	5	6	7	8	9	10	2	3	4	5	6	7	8
14	15	16	17	18	19	20	11	12	13	14	15	16	17	9	10	11	12	13	14	15
21	22	23	24	25	26	27	18	19	20	21	22	23	24	16	17	18	19	20	21	22
28	29	30	31				F	26	27	28	29	30	23	24	25	26	27	28	29	
													30	31						

JUNHO							JULHO							AGOSTO						
D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S
		1	2	F	4	5				1	2	3								
6	7	8	9	F	11	12	4	5	6	7	8	9	10	1	2	3	4	5	6	7
13	14	15	16	17	18	19	11	12	13	14	15	16	17	8	9	10	11	12	13	14
20	21	22	23	24	25	26	18	19	20	21	22	23	24	F	16	17	18	19	20	21
27	28	29	30				25	26	27	28	29	30	31	22	23	24	25	26	27	28
													29	30	31					

Coordenação:
Vigário Geral da Diocese de Angra

Paginação e Design:
União Gráfica Angrense Unipessoal, Lda.

Desenho de capa:
Gonçalo Brum

4.000 exemplares
Angra do Heroísmo – Terceira – Açores

Novembro 2020

Continuamos a caminhada sinodal sob o lema «a beleza de caminharmos juntos em Cristo». Como o próprio nome quer significar, «caminhada sinodal» é fazer caminho em conjunto, isto é, convocar todos os batizados para a sua participação activa na comunidade cristã e para o seu necessário testemunho cristão na evangelização do mundo de hoje.

Neste sentido, o núcleo central das actividades pastorais está orientado pela reflexão e actuação de todos os batizados no contexto da caminhada de renovação das nossas comunidades cristãs e da comunidade diocesana.

Após a auscultação dos Sinais dos Tempos, que continuará presente na vida pastoral, exige-se neste ano a reflexão acerca do perfil evangelizador das comunidades cristãs. Evangelização que se quer em diálogo com o mundo de hoje e a partir de uma comunidade cristã que promove os diversos dons, carismas e serviços ou ministérios.